

Nystagmus voluntário. (*)

B. PAULA SANTOS — SÃO PAULO.

Para registro nos anais do IV Congresso Brasileiro de Oftalmologia apresentamos dois casos de nystagmus voluntário, o primeiro dos quais se refere a um estudante de engenharia e que, nem por esta circunstância, consentiu se lhe fizesse a cinematografia do fenômeno ou, ao menos, acedeu em ir à Sociedade de Oftalmologia para ser observado pelos colegas de São Paulo.

Eis porque não nos é possível apresentar a documentação cinematográfica deste interessante fenômeno, como era nosso desejo, tanto mais que, do segundo caso, isso não nos seria possível, porque êle se refere a homem da nossa terra natal que conhecemos na nossa infância e que, fortuitamente, revimos ha três anos passados.

Conquanto Henri Coppez considere o nystagmus voluntário talvez mais frequente do que se crê, apenas conhecemos, segundo o relato do próprio Coppez no Tratado Francês de Oftalmologia de 1939, Vol. VII, pág. 175, os casos de Fano, Lafon, Weekers e Coppez, sendo que Barany chegava a produzir em si mesmo um nystagmus giratório.

Muito curioso é também o caso de René Onfray, relativo a um nystagmus voluntário monocular, cuja descrição se encontra no Bul. de la Scc. d'Oft. de Paris, março de 1938, pág. 118.

A primeira descrição do nystagmus voluntário é devida a Fano em 1866, e, no dizer de Coppez, com um pouco de exercício, um certo número de pessoas é capaz de produzi-lo.

As nossas observações são as seguintes:

PRIMEIRA OBSERVAÇÃO — E. C., 21 anos, brasileiro, solteiro, estudante de engenharia, residente em São Paulo. Este moço nos foi trazido por um estudante de medicina, seu amigo, que observou o fenômeno e no-lo referiu.

E. C. apresenta a seguinte refração:

OD: + 0,25 D.E + 0,50 cyl. a 180: = 9/10;

OE: — I D.E = 10/10.

A não serem estes vícios da refração os seus olhos são perfeitamente normais sob todos os aspectos, especialmente no que diz respeito aos campos do olhar e à musculatura externa.

(*) Trabalho apresentado ao IV Congresso Brasileiro de Oftalmologia, reunido no Rio de Janeiro em Junho de 1941.

Conta-nos que há mais de 5 anos notou que, “quando ficava nervoso podia tremer os olhos”. Interrogado, afirmou que não precisou de nenhum exercício preliminar para realizar o fenômeno pela primeira vez, o que se deu numa tentativa toda infantil para se tornar estrábico.

Se se lhe pedia para desencadear o nystagmus, êle franzia ligeiramente a testa, o que não era imprescindível, contraía os orbiculares, ficando na atitude de quem fixa um ponto qualquer, e, imediatamente, produzia um nystagmus horizontal, do tipo pendular, de curta amplitude, extremamente rápido, que durava, nas duas primeiras vezes, apenas dois ou três segundos. Esta duração decaía nas vezes sucessivas para tornar-se de um segundo na décima.

Apresenta, com o nystagmus, acentuada miose, como aliás observou Weekers no seu caso. O nosso paciente podia produzir o fenômeno uma duzia de vezes, mas já à terceira ou quarta vez, se dizia cansado.

Pesquisamos bem a acomodação após o cansaço, esta nos pareceu apenas mui ligeiramente alterada, sendo que Lafon, no seu caso, verificou um espasmo de 4 dioptrias. Desejavamos mandar fazer o exame do ouvido interno de E. C. mas êle não o consentiu. Esta observação foi tomada na presença do nosso colega Dr. Renato Pierri.

SEGUNDA OBSERVAÇÃO. — Esta é muito incompleta porque se refere a um colono de meu pai, que conhecemos em pequeno e com quem todos os que o conheciam, nos divertiamos pedindo-lhe que “tremesse” os olhos. Quando nos tornamos oculistas e que soubemos o que era o nystagmus, para logo nos recordarmos desse caso que não viamos ha mais de 20 anos.

Por feliz coincidência, em 1938, encontramos-lo em nossa cidade natal, Guaratinguetá, onde êle ainda reside. Não tínhamos aí meios para o seu exame, mas pudemos verificar que êle ainda podia produzir o fenômeno, que tinha todos os caracteres do caso anterior. Pelo que pudemos apurar, os seus olhos pareciam inteiramente normais. Trata-se do colono I. S., de 50 anos, côr parda, casado, com 7 filhos. Disse-nos que nenhum dos seus filhos podia produzir o nystagmus e que nem conhecia alguém capaz de fazê-lo.

Coppez, no tratado citado, sôbre o nystagmus voluntário, escreve o seguinte:

CARACTERES CLÍNICOS — Quando o indivíduo quer desencadear o nystagmus, concentra toda a sua energia sôbre o aparelho motor ocular; o orbicular das palpebras se retrái e os músculos oculares se contraem fortemente. Os globos permanecem no lugar ou bem, um deles se põe em convergência ou em divergência. Há, às vezes, modificações pupilares; miose no caso de Weekers (e tambem no nosso); hippus no caso pessoal (de Coppez). Lafon verificou um espasmo da acomodação de 4 dioptrias. O acesso não é nunca de longa duração, a fadiga se produz rapidamente e interrompe as oscilações.

MORFOLOGIA — As oscilações são horizontais retilineas, muito rápidas. Os nistagmogramas mostram que elas são do tipo pendular, mas assás irregulares. Verifica-se que o mecanismo é relativamente grosseiro.

MECANISMO — Lembra-se que no estado fisiológico o nystagmus pode aparecer no olhar lateral por estímulo desigual dos centros de associação dos movimentos e dos olhos. Aqui é o estímulo simultâneo e exagerado dos centros de associação antagonistas que entra em jogo, com extensão às palpebras e, às vezes, às pupilas. Os músculos oculares, submetidos assim a um estímulo excessivo que eleva o seu tonus ao máximo, reagem segundo as regras clássicas da fisiologia e o nystagmus do gênero tetaniforme aparece.

Analises, Resumos e Comentarios

Manual de doenças dos olhos.

C. H. MAY.

Tradução da 16.^a edição americana, pelo Prof. Moacir Alvaro.

Editora Científica — Rio - 1941.

A *Editora Científica* do Rio de Janeiro acaba de publicar, em português, o célebre manual de oftalmologia de May, traduzido da 16.^a edição inglesa pelo Dr. Moacir Alvaro, professor da Escola Paulista de Medicina. O tradutor, no seu prefácio, fazendo uma relação das edições norte-americanas e em outras línguas, presta justa homenagem a Gabriel de Andrade, o qual havia traduzido a 15.^a edição inglesa sem que lhe pudesse dar publicidade, por causa de sua morte. Moacir Alvaro traduziu muito bem todo o livro de May, manual prático-didático, já nosso conhecido dos bancos acadêmicos. Nele, aduziu algumas notas em roda-pé, fatos e dados de interesse dos leitores do Brasil e Portugal. Apenas as gravuras em preto não ficaram com a nitidez que deveriam ter para a boa compreensão do leitor, pois a reprodução de "clichés" reticulados nunca fica como se deseja. As gravuras coloridas estão magníficas. Será muito útil a todos os que começam a exercer a oftalmologia, bem como ao médico prático possuir e ler o *Manual de doenças dos olhos*, de May-Alvaro, porque nele encontrará todos os elementos de oftalmologia esplanados com clareza e justeza.

W. BELFORT MATTOS.